



ANEXO I – LINHA NARRATIVA DA EXPOSIÇÃO

LINHA NARRATIVA PARA O PROJETO EXPOGRÁFICO NO CAIS DO VALONGO E DOS LUGARES DE MEMÓRIA DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO COMPLEXO DO VALONGO.

PRINCÍPIOS E JUSTIFICATIVAS

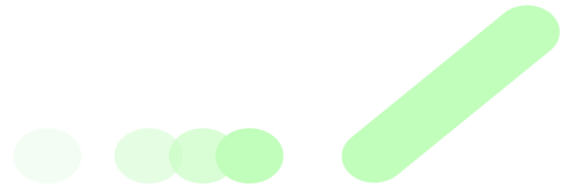
O Cais do Valongo é Patrimônio da Humanidade a partir de seu reconhecimento pela UNESCO como lugar de memória do tráfico atlântico de africanos escravizados e da resistência cultural e política da população negra a uma longa história de violência e exclusão. Situada no Rio de Janeiro, a região do cais Valongo, entre o final do século XVIII e 1831, foi uma área oficialmente reservada para o desembarque, quarentena e venda dos chamados pretos novos – africanos e africanas cativos recém-chegados.

Estima-se que um milhão de pessoas trazidas à força da África pelas rotas atlânticas desembarcaram na enseada onde está o cais. Em nenhuma outra parte do mundo desembarcaram tantos africanos escravizados como nessa cidade.

O Valongo, e o seu entorno, tem o papel fundamental de lembrar a tragédia do tráfico transatlântico de escravizados, mas também o momento primeiro de construção da cultura afro-brasileira, a partir do encontro dos sobreviventes da travessia com seu novo destino. Trata-se de um processo absolutamente extraordinário, que evidencia a crueldade humana, mas também a resiliência, insubordinação, capacidade de resistência, transformação e criatividade cultural dos africanos brutalmente arrancados do seu continente de origem.

A proposta para desenvolvimento do projeto expográfico precisa trazer subsídios para a interpretação do sítio histórico e arqueológico do Valongo na perspectiva esboçada acima. Mas, também precisa reparar memórias esquecidas, apagadas e silenciadas; precisa sensibilizar para a dor e sofrimento, e ir além, sinalizando para o protagonismo dos africanos e afro-brasileiros na transformação da própria História do Brasil, nas lutas contra a escravidão, pela liberdade e cidadania.

Propomos, então, um projeto que diz respeito à interpretação do Cais do Valongo (e seu complexo de recepção, morte, comercialização e transformação dos africanos recém-chegados) e à localização de “lugares de memória” representativos da história da diáspora africana nesta especial região. Os “lugares de memória”, que precisam ser entendidos e valorizados como símbolos da presença e do protagonismo



da população africana e afro-brasileira, operam também como registros complementares de interpretação do Cais do Valongo – epicentro da chamada *Pequena África* na história da cidade do Rio de Janeiro/Brasil e Atlântico Negro.

- 1. Identidades:** quem eram e de onde foram trazidos os africanos e africanas que desembarcaram no Cais do Valongo?

Conteúdo → Regiões de origem na África de onde eram trazidos os cativos que chegam ao Cais do Valongo. Indicativos de portos de procedência e rotas internas ao continente.

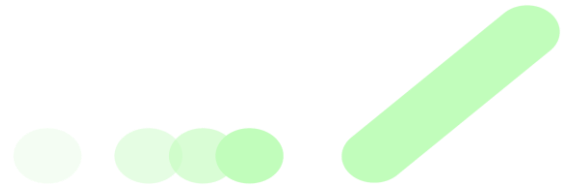
- 2. Tráfico e mercado de escravos:** A experiência da escravização vivida na travessia e na comercialização de seres humanos.

Conteúdo → Como eram as viagens do tráfico atlântico de africanos escravizados (duração; principais rotas marítimas). Como funcionava o mercado na Rua do Valongo (trechos/imagens de relatos de viajantes do século 19).

- 3. Resistência, protagonismo e transformação:** Os cativos e libertos que chegaram e viveram na região do Cais e na própria cidade do Rio de Janeiro eram sujeitos com capacidade de luta e de intervenção na realidade, criando formas de transformá-la, em que pese a situação de opressão a que eram submetidos.

Conteúdo → Africanos e seus descendentes trouxeram e produziram elementos de cultura material e imaterial que marcaram e deram significado ao patrimônio que foi reconhecido em sua dimensão simbólica e política. Os vestígios arqueológicos, os objetos encontrados nas escavações e a agência da população negra na transformação da escravidão e da história do Brasil demonstram esses aspectos (histórias de fugas, revoltas e liberdade; indicar o prédio do Docas André Rebouças, por exemplo).

- 4. Memória e História:** as camadas superpostas do Cais do Valongo representam as disputas e operações políticas de silenciamento e apagamento da história negra neste sítio e, simbolicamente, em todo o Brasil. O Cais da Imperatriz encobrindo o Cais do Valongo e,



posteriormente, a Praça Municipal/Praça Jornal do Commercio encobrendo a ambos são elementos reveladores deste processo.

Conteúdo → O Cais do Valongo, símbolo material da denúncia do tráfico atlântico de africanos escravizados, foi visto e enterrado no século 19 e 20, mais de uma vez, como lugar do “infame comércio”. No século 21, emerge como ícone da política de reparação e reconhecimento de um “crime contra a humanidade”.

5. Patrimônio Mundial: O sítio histórico e arqueológico Cais do Valongo tornou-se Patrimônio Mundial, por decisão da Assembleia Geral da UNESCO, em 9 de julho de 2017.

Conteúdo → O título internacional reconheceu o valor universal excepcional do local, como memória da violência contra a humanidade representada pela escravidão, e de resistência, liberdade e afirmação, fortalecendo as responsabilidades históricas, não só do Estado brasileiro, como de todos os países membros da UNESCO.

Ao lado do sítio histórico e arqueológico Cais do Valongo, o Cemitério dos Pretos Novos e o Quilombo da Pedra do Sal formaram as bases de sustentação da candidatura do Cais do Valongo à Patrimônio Mundial.

6. Cemitério dos Pretos Novos (IPN): Descoberto em 1996, numa obra em terreno particular, o cemitério de pretos novos é um lugar de memória representativo do sofrimento dos cativos. Juntamente com o quilombo da Pedra do Sal constituiu uma das bases da candidatura do Cais do Valongo a Patrimônio Mundial.

Conteúdo → Muitos africanos recém-chegados no tráfico escravista, os chamados pretos novos, não conseguiam resistir aos sofrimentos e às doenças contraídas durante a viagem da África para o Rio de Janeiro. Estes africanos eram enterrados, de forma precária, no Cemitério de Pretos Novos. Estima-se que entre 20 e 30 mil pessoas tenham tido este local como seu destino final, o que faz dele o maior cemitério de africanos escravizados das Américas.



- 7. O Quilombo da Pedra do Sal** foi considerado fundamental para a sustentação da candidatura do Cais do Valongo à Patrimônio Mundial, juntamente com o Cemitério de Pretos Novos. No final do século 19 e início do século 20, o entorno da Pedra do Sal ficou conhecido como local central de gestão da cultura negra carioca moderna.

Conteúdo → Os antepassados dos quilombolas de hoje foram acolhidos por negros, portuários e irmãos de santo chegados anteriormente. Começaram sua vida nesse novo local e contribuíram para a formação de agremiações coletivas de trabalho, culto religioso e lazer. Formaram a primeira colônia de migrantes negros na base e encostas do Morro da Conceição e fundaram as primeiras casas religiosas, as primeiras sociedades carnavalescas, as primeiras escolas de samba e os primeiros sindicatos da cidade do Rio de Janeiro. A Pedra do Sal é tombada como Patrimônio Estadual desde 1984.

- 8. Mirante da Pequena África (Jardins Suspensos do Valongo)** Neste local se pode ter uma visão privilegiada da Pequena África, permitindo localizar uma série de logradouros representativos da história negra na região, diretamente relacionados ao Cais do Valongo e seu entorno. Além da Praça dos Estivadores (em frente), os morros do Livramento e Providência, a Rua Barão de São Félix e Rua Senador Pompeu, é possível avistar a torre-relógio da Central do Brasil e, ao fundo, os Morros do Estácio e da Tijuca.

Conteúdo → Nestas localidades se encontram uma série de “lugares de memória” da presença negra na região, como o candomblé de João Alabá, a Associação Chora na Macumba, o cortiço Cabeça de Porco, associações sindicais, a rua em que nasceram Sinhô e Donga, as casas da africana de Benguela Florinda Gaspar e, hoje em dia, as organizações associativas como o Afoxé Filhos de Gandhi, a Casa Remanescentes de Tia Ciata e a ONG Pequena África.